

O ENSINO DE FILOSOFIA COM/PARA CRIANÇAS

Prof. Me. Mauro Sérgio Santos da Silva

(Eseba/UFU)

Prof. Me. Rones Aureliano Sousa

(Eseba/UFU)

Resumo: Na Crítica da Razão Pura, Kant distingue o “ensino de filosofia” e o “filosofar”. Afirma ser possível ensinar a filosofar, mas não ensinar filosofia. O trecho kantiano, em sua totalidade estabelece, por primeiro, a possibilidade do ensino do filosofar. Por conseguinte, diz poder-se ensinar filosofia, desde que a partir de uma perspectiva histórica. Neste sentido, a distinção kantiana pode ser concebida como um profícuo ponto de partida para a reflexão proposta por este trabalho. O ensino de filosofia refere-se aos processos de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos referentes à tradição e à história da filosofia. Em princípio, trata do ensino de filosofia para crianças. O ensinar a filosofar, por seu turno, diz respeito à filosofia como experiência filosófica. Porquanto, associa-se a uma prática que pode ser realizada com as crianças. Assim, de um lado, está o “ensinar filosofia” (conteúdos filosóficos) para crianças. De outro, o filosofar (filosofia como experiência) com crianças. Contudo, no cotidiano da sala de aula, tal distinção nem sempre se apresenta de forma tão clara e precisa. Destarte, o presente trabalho discute a problemática da abordagem mais apropriada ao ensino de filosofia na educação básica. Discorre acerca das três perspectivas apresentadas pela literatura filosófica disponível relativa a esta questão, quais sejam, a temática, a histórica e a problematizante. Propõe que tal análise deve ser empreendida, em princípio, como uma questão precipuamente filosófica. Apresenta os limites e possibilidades das três espécies de abordagem. Ressalta a importância dos conteúdos e da tradição (história da filosofia). Salienta o potencial criativo do problema filosófico tanto para o processo de construção-reconstrução de conceitos quanto para o ensino e a aprendizagem de conteúdos significativos no âmbito conceitual, atitudinal e procedimental. Trata o problema filosófico como ensejo da educação filosófica. Propõe que a trajetória seja fornecida pela história da filosofia e pelos conteúdos filosóficos. E aponta para a produção do conceito como corolário dos processos de ensino e aprendizagem de filosofia na educação básica. Considera, assim, que há um processo de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos (conceitos, história da filosofia) para as crianças e adolescentes. Com efeito, na educação filosófica como experiência, as crianças e os adolescentes podem concomitantemente apropriar-se crítica, reflexiva e criativamente dos conteúdos filosóficos, construindo, nesta feita, uma reflexão autônoma, partindo da resolução de problemas com vistas à construção de conceitos.

Introdução



No debate teórico-metodológico relativo ao ensino de filosofia na educação básica perpassa uma questão fundamental, qual seja: ensina-se filosofia para as crianças ou com as crianças?

Propõe-se, neste íterim, que há um processo de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos (conceitos, história da filosofia) para as crianças. Com efeito, na educação filosófica como EXPERIÊNCIA, as crianças podem apropriar-se crítica, reflexiva e criativamente dos conteúdos filosóficos, construindo, destarte, uma reflexão autônoma, partindo da resolução de problemas com vistas à construção de conceitos.

Para discorrer acerca dessa questão, o presente texto discute a problemática da abordagem mais apropriada ao ensino de filosofia na educação básica. Expõe as três perspectivas apresentadas pela literatura filosófica relativa a esta temática, a saber: a temática, a histórica e a problematizante. Propõe que tal análise deve ser empreendida, por primeiro, como uma questão precipuamente filosófica. Apresenta os limites e possibilidades das três espécies de abordagem. Ressalta a importância dos conteúdos e da tradição (história da filosofia); e o potencial criativo do problema filosófico para o processo de construção-reconstrução de conceitos e para o ensino e a aprendizagem de conteúdos significativos no âmbito conceitual, atitudinal e procedimental.

Na “Crítica da Razão Pura” (1799) Kant, em um célebre postulado distingue o “ensino de filosofia” e o “filosofar”. Afirma ser possível ensinar a filosofar, mas não ensinar filosofia. O trecho kantiano, em sua totalidade propõe, na verdade, que é possível, de um lado, o ensino do filosofar. De outro, diz ser possível ensinar filosofia, desde que a partir de uma perspectiva histórica.

Neste sentido, a distinção kantiana pode ser concebida como um profícuo ponto de partida para a reflexão proposta por este trabalho. O “ensino de filosofia” refere-se ao processo de ensino e de aprendizagem de conteúdos filosóficos referentes à tradição e à história da filosofia. Em princípio, compreende, no bojo da reflexão proposta, ao ensino de filosofia “para crianças”. E o ensinar a filosofar, por seu turno, diz respeito à filosofia como experiência filosófica, Porquanto, associa-se a uma prática que pode ser realizada com as crianças.

Assim, em uma perspectiva, está o “ensinar filosofia” (conteúdos filosóficos) para crianças. Por outra, o filosofar (filosofia como experiência) com crianças. Contudo, no cotidiano da sala de aula, tal distinção nem sempre apresenta-se tão clara. Não raras vezes, uma perspectiva recai sobre a outra. Assim, analisaremos, nas espécies de abordagens do ensino de filosofia, o predomínio de uma ou outra, a depender de fatores diversos.

1. Ensino de Filosofia ou do Filosofar?

Na abordagem da questão do ensino da filosofia, há uma histórica celeuma entre o “ensinar filosofia” e o “ensinar a filosofar”; entre o ensino de história da filosofia (ou conceitos filosóficos), e o ensino do “filosofar”. De um lado a defesa do ensino sistemático de história da filosofia ancorado na tradição; de outro, a ideia de fomentar-se a produção filosófica autônoma dos estudantes.

A referida problemática encontra-se formulada pelo célebre trecho kantiano da Crítica da Razão Pura, qual seja: **não se ensina filosofia, mas apenas a filosofar:**

Dentre todas as ciências racionais (a priori), portanto, só é possível aprender Matemática, mas jamais Filosofia (a não ser historicamente); no que tange à razão, o máximo que se pode é aprender a filosofar... Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os. (KANT, 1995, p.699-700)

192

O postulado kantiano, compreendido em sua totalidade, estabelece a possibilidade do filosofar como experiência. Mas compreende ser possível o ensino de filosofia a partir de uma perspectiva histórica.

Destarte, na esteira da filosofia kantiana, afigura-se plausível afirmar a possibilidade tanto do filosofar, quanto do ensino de filosofia. E, por conseguinte, do ensino de filosofia com crianças (o filosofar como experiência) e para crianças (conteúdos filosóficos).

2. Perspectivas ou abordagens da educação filosófica

A literatura filosófica a respeito do tema apresenta, mormente, três espécies de abordagens do ensino de filosofia. Como já mencionado: a histórica, a temática e a problematizante; apresentadas no que se segue.

2.1 A abordagem Temática

Por meio desta abordagem, o ensino de filosofia ocorre, como o próprio nome indica, por meio de temas filosóficos, tais como: Liberdade, Justiça, Verdade, Bem, Conhecimento, Existência, entre outros.

Conforme Almeida Júnior (2011), nesta perspectiva, lança-se mão também da história da filosofia. Aborda-se, por exemplo, a liberdade para Agostinho, a liberdade para Sartre, etc.

Esse viés possibilita uma abordagem seminal acerca da realidade, mas carrega, em si, o risco de que as aulas de filosofia sejam reduzidas a debates genéricos, se não estiver ancorada à história da filosofia.

Nesta sorte, a abordagem filosófica a partir de temas comporta a possibilidade do “filosofar” (debate, diálogo) Todavia, na medida em que aportado sob a história da filosofia, do filosofar parte-se ao ensino de filosofia; do ensino de filosofia com crianças parte-se ao ensino de filosofia para crianças.

2.2 Abordagem Histórica:

Consiste, em termos gerais, na apresentação dos mais de 25 séculos de história do pensamento filosófico (ocidental). Os conteúdos são divididos em períodos históricos e, não raras vezes, por correntes filosóficas e pensadores.

Prioriza-se, nesta, a projeção de uma sequência cronológica da filosofia antiga à contemporânea preocupada com a contextualização histórica das ideias filosóficas e sua coerência em relação ao que pensaram os autores da tradição. Contudo, conforme Felício (2011), a mera recapitulação cronológica dos pensadores, ainda que muito bem sistematizada, __dos milésios ao mundo contemporâneo __ não garante a compreensão da complexidade e especificidades da reflexão filosófica.

A abordagem histórica, em nome da sistematização, corre o risco de sacrificar o potencial crítico, criativo e problematizador da atividade filosófica.

A história da filosofia é parte importante da educação filosófica. Todavia, o ensino de filosofia não se limita ao ensino de sua rica e valorosa história. Contudo, vilipendiar os conteúdos e a tradição filosófica fragmenta e empobrece o ensino de filosofia.

Na abordagem histórica, predominaria, em um primeiro momento, o ensino de filosofia para crianças (conteúdos filosóficos). Todavia, na medida em que há uma apropriação crítica, reflexiva e criativa da tradição, o filosofar como experiência também encontra aí terreno fecundo; fazendo com que, mesmo o ensino de história da filosofia se converta em um processo para e com as crianças.

2.3 Abordagem Problematicante ou problematizadora

Esta abordagem traz o ensino de filosofia a seu núcleo essencial, qual seja, o problema. Tal abordagem, contudo, também pode recorrer à história da filosofia, não como uma crônica de um passado fossilizado, mas como mecanismo de revitalização dos grandes debates filosóficos. Segundo Felício (2011), a perspectiva problematicante dignifica o conceito e o problema como elementos nevrálgicos da construção do saber filosófico.

194

Nesta abordagem, não há reprodução e/ou transcrição desconectada e fragmentada do passado. Ao contrário, o ensino de filosofia, mediante eixos problematicadores possibilita um diálogo profícuo entre a tradição filosófica e a realidade, entre o conceito e os problemas. Haja vista que “na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas” (DELEUZE E GUATARI, 1992) na medida em que todo conceito possui uma história.

Nesta abordagem, a relação entre o filosofar (ensino de filosofia com crianças) e o ensino de filosofia encontram um diálogo ainda mais significativo. Há um diálogo fecundo entre o problema e o conceito, entre a tradição e a realidade, entre os conteúdos filosóficos e a filosofia como experiência. Porquanto, uma relação dialógica entre o ensino de filosofia para e com as crianças.

2.4 A abordagem por Áreas da filosofia:

O professor José Benedito de Almeida Júnior da Universidade Federal de Uberlândia, em artigo intitulado “Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de

Filosofia” (2011) propõe uma classificação diferente: Histórica, Temática e substitui a abordagem problematizante por uma abordagem denominada “por área”.

Esta perspectiva aborda o ensino de filosofia a partir de suas grandes áreas, quais sejam: Metafísica, Ética, Filosofia Política, Epistemologia, Filosofia da Ciência, etc. Tais eixos, com efeito, também são apresentados amiúde em uma perspectiva histórica. Ex: Metafísica na Antiguidade, Metafísica Medieval, Metafísica Moderna e assim por diante.

Segundo Almeida (2011), a perspectiva problematizante refere-se mais ao método e pode estar presente em qualquer uma das supracitadas formas de abordagem do ensino de filosofia.

Cada uma das abordagens apresenta limites e possibilidades diversas. Com efeito, o exposto conduz-nos à constatação de que o debate em torno do ensino de filosofia não se reduz a mera escolha didática ou à opção por um tipo de procedimento metodológico. Trata-se, antes de tudo, de uma questão filosófica e, como tal, exige um trabalho sobremodo reflexivo do professor-pesquisador.

É possível discutir o ensino de filosofia a partir das ciências da educação em seus respectivos aspectos didáticos, pedagógicos e metodológicos. Com efeito, boa parte da literatura acerca dessa temática aponta para a importância de se pensar o ensino de filosofia a partir da própria filosofia. Em outras palavras, pensar filosoficamente o ensino da filosofia; propor um fundamento teórico-metodológico para uma educação filosófica, proveniente da própria filosofia (ALMEIDA JR, 2011; DANELON, 2010).

Nesta direção, a abordagem problematizante apresentaria certa vantagem em relação às outras na medida em que aproxima o ensino de filosofia do ponto de partida de todo o filosofar, vem a ser, o problema que traz à baila a necessidade da construção-desconstrução-reconstrução de conceitos.

Por outro lado, o ensino de filosofia não pode prescindir dos conteúdos e da tradição filosófica com o intento de superar as percepções superficiais e imediatistas da realidade e evitar que as aulas de filosofia se transformem em mera roda de conversa ou troca de opiniões.

A partir do reconhecimento da importância dos conteúdos e da tradição, de um lado, e do potencial criativos dos problemas, de outro, o ensino de filosofia pode se

converter em uma experiência significativa que possibilita a formação epistemológica, política e moral, com ênfase no desenvolvimento humano.

Se o problema é tomado como ponto de partida, a trajetória deve ser a história da filosofia. Na confluência desses aspectos há um processo de ensino e de aprendizagem de filosofia e do “filosofar”. Haveria aqui, talvez em maior intensidade do que nas outras abordagens, o filosofar como experiência empreendida com as crianças.

3. Criação de Conceitos

Deleuze (1992) afirma ser da alçada da filosofia, por excelência, a criação de conceitos. Diz o filósofo: “a filosofia tem uma função que permanece atual, criar conceitos”. Segundo Kohan (2000), ensinar filosofia é, em si mesma, uma experiência filosófica. E como tal, deve ser tratada a partir da pedagogia do conceito.

Conforme Gallo, “os conceitos são criados a partir de problemas, colocados sobre um plano da imanência” (...) “É nesse plano que surgem os problemas que movem a produção conceitual” (In: Kohan, 2000, p. 200)

Não se cria conceitos, por assim dizer, do nada. O ponto de partida é sempre um problema. Por isso, a organização dos currículos a partir de problemas apresenta-se sobremaneira profícua. Com efeito, o processo de criação-recriação de conceitos não pode prescindir da apropriação crítica e criativa da história do pensamento como matéria prima para qualquer produção possível (Kohan, 2000, p. 203).

Sem a pretensão de esgotar a questão propõe-se, portanto, que um caminho interessante para a abordagem da filosofia em sala de aula deve estar ancorado na resolução de problemas a partir dos quais são ensinados, aprendidos, descontruídos-reconstruídos conceitos. A história da filosofia é a trajetória. Os problemas são o ensejo da reflexão. E o corolário é o processo de construção-reconstrução conceitual.

Na educação básica, tal processo encontraria aí a possibilidade do filosofar como experiência (ensino de filosofia com crianças) e do ensino de conteúdos filosóficos para as crianças em uma relação dialógica na qual uma recai sobre a outra permanentemente.

3.1 A questão metodológica

Entrementes, os postulados pedagógicos de Lipman (1994), associados à recepção crítica de sua obra no Brasil, lançam luzes sobre o como ensinar filosofia.

A transformação da aula de filosofia em uma “comunidade de investigação” (Lipman, 1994) ou em uma “oficina filosófica” (Gallo, 2002) mediante uma perspectiva metodológica que privilegie o diálogo, isto é, a “prática dialógica”, é um caminho para o ensino e a aprendizagem de conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais (Coll, 2006).

Os conteúdos conceituais são aqueles relacionados aos conceitos, em sentido estrito, às definições, como por exemplo, de homem, povo, estado, filosofia, etc. Os conteúdos conceituais apresentam consonância com o que Aristóteles denominara “Ciência Teorética”. Caracteriza-se pela busca do saber em si, desinteressado. Transcende o dado empírico. No âmbito do ensino de filosofia, por conceito, compreendemos, a história da filosofia, a liberdade em Sartre, a ideia em Locke, etc.

Já os conteúdos atitudinais referem-se à aprendizagem de valores e atitudes relevantes a partir de uma dada teoria ou de experiências proporcionadas. No escopo da tríade aristotélica, os conteúdos atitudinais relacionam-se com a dimensão prática da ciência. Uma educação filosófica pode seguramente refletir, discutir e proporcionar experiências de aprendizagem de valores tais como, a pluralidade, a diversidade, a alteridade, o respeito, entre outros.

E os chamados conteúdos procedimentais dizem respeito ao conjunto de procedimentos e ações ordenadas com finalidades bem definidas. Habilidades que os alunos desenvolvem na escola. É o ensinar a fazer. No bojo da distinção de Aristóteles, esses conteúdos acomodam-se na dimensão poética da ciência. No ensino de filosofia, os conteúdos procedimentais seriam, por exemplo, o desenvolvimento da leitura, da pesquisa, da elaboração oral e escrita da argumentação.

Deve-se perceber que esta prática não visa apenas ser uma troca de opiniões, ou uma simples conversação. É a partir desta prática dialógica presente na “comunidade de investigação” que as crianças exercem, coletivamente, sua busca pelo conhecimento. Sendo assim, Ann Margaret Sharp (2004) em seu artigo “A outra dimensão do pensamento que cuida”, publicado no livro organizado por Walter Omar

Kohan Lugares da infância: Filosofia que uma “comunidade de investigação” na sala de aula seria:

um grupo de crianças que investigam juntas sobre questões problemáticas comuns de uma maneira tal que as faz construir ideias a partir das ideias umas das outras, oferecer contraexemplos umas às outras, questionar as inferências umas das outras a gerar visões alternativas e soluções para o problema tratado, além de seguir com a investigação para onde quer que ela leve. Com o tempo, elas passam a se identificar com o trabalho do grupo, ao construírem significados cooperativamente e ao se comprometerem a uma reconstrução em andamento autoconsciente da própria visão de mundo enquanto a investigação procede. Esta construção e reconstrução de visões de mundo é algo como a qual todos estamos engajados consciente ou inconscientemente (SHARP, 2004, p.121–130).

Nesta perspectiva, esse método requer que os professores saibam de tal maneira conduzir esse procedimento, e para isso, afigura-se imprescindível que estes estejam preparados para uma reflexão que construa o conhecimento. Desse modo, o papel do professor deve ser o de provocar o diálogo e garantir que sejam seguidos os procedimentos apropriados para a sua realização.

198

4. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. **Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de filosofia**. Educação em Revista, Marília, v. 12, n1, p. 39-50, jna-jun, 2011.
- COLL, César e outros. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.
- DANELON, Marcio. **Ensino de filosofia e currículo: um olhar crítico aos parâmetros curriculares nacionais**. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v 9, n1, 109, 129, janjun, 2010.
- DELEUZE, G; GUATARI, F. **O que é filosofia?** Lisboa: Presença, 1992.
- FELÍCIO, C.B.F. **Didática do Ensino de Filosofia**. Goiânia: UFG.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LIPMAN, Matthew e outros. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

KOHAN, Walter Omar & WAKSMAN, Vera. **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Filosofia para crianças**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2002.

_____. **Infância, estrangeiridade e ignorância. Ensaios de Filosofia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Filosofia na escola pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. (Orgs). **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____. **A Filosofia vai à escola**. Tradução de Maria Elice de Breezinski e Lúcia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O pensar na educação**. Trad. Ann Mary Fighera Perpétuo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SHARP, Ann Margaret. **A outra dimensão do pensamento que cuida**. KOHAN, Walter O. (Org). Lugares da infância: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2004. p.121-130.